

A ESTÁTUA-MENIR DO PEDRÃO OU DE SÃO BARTOLOMEU DO MAR (ESPOSENDE, NOROESTE DE PORTUGAL) NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DA FACHADA COSTEIRA DE ENTRE OS RIOS NEIVA E CÁVADO

Ana M.S. Bettencourt¹, Manuel Santos-Estévez¹, Pedro Pimenta Simões², Luís Gonçalves²

1. Laboratório de Paisagem, Património e Território (Lab2PT) / Departamento de História da Universidade do Minho

2. Instituto de Ciências da Terra, Polo da Universidade do Minho (ICT/UM); Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.



III CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
19 a 22 Nov. 2020

INTRODUÇÃO

A estátua-menir do Pedrão, publicada na década de 70 do século XX como estátua-menir de São Bartolomeu do Mar e inserida, cronologicamente, no Neo-Calcolítico (Jorge, 1978), foi posteriormente republicada com maior detalhe (Jorge et al. 1986). Consta no Portal do Arqueólogo com o CNS 11114 e foi classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto .o 26-A/92, DR, I Série-B, n.o 126, de 1-06-1992).

Em julho de 2018 foram realizados trabalhos arqueológicos na sua envolvente. Estes consistiram em sondagens em redor da estátua-menir, na limpeza do monólito, na observação litológica e arqueológica do mesmo e no seu levantamento fotogramétrico. Possibilitaram, ainda, uma observação detalhada do seu contexto físico.

Os objectivos deste trabalho consistiram em apurar se o imóvel se encontrava *in situ*, identificar restos de atividades que se relacionassem com as ações desenvolvidas em seu redor, precisar a sua cronologia, detalhar o seu modo de fabrico, a origem da sua matéria-prima e as alterações verificadas ao longo do tempo.

LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E CONTEXTO FÍSICO E AMBIENTAL

A estátua-menir localiza-se na Agra do Pedrão, no lugar de Baixo, união de freguesia de Belinho e São Bartolomeu do Mar, concelho de Esposende, distrito de Braga. As suas coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84, são: latitude: 41.34420 N; longitude: -8.47463 O. Encontra-se a uma altitude de c. de 12 m (Fig. 1).

Localiza-se na plataforma litoral, a cerca de 750 metros da linha atual da costa constituída por praias de seixos rolados e de afloramentos de filitos, xistos e quartzitos. A norte da estátua-menir passa um curso de água designado por Rego e a sul o Rego da Lagoa, desaguardo ambos no oceano atlântico. Nas imediações, para norte, brotam as nascentes de São Bartolomeu, ao qual a população atribui poderes curativos. É de destacar que o monumento, se situa entre as fozes dos rios Cávado, a sul, e do Neiva, a norte.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50 000, folha 5-C, de Barcelos, de Teixeira *et al.* (1969), o substrato geológico local é composto por depósitos de praias antigas e de terraços fluviais, sobre quartzitos com cruziana e scolithus do Ordovícico. Nas imediações, a nascente, eleva-se o Monte de Sanfins, cujo topo alcança 237 m. Trata-se de um relevo residual granítico onde são bem visíveis inúmeros afloramentos de granitos monzoníticos (monzogranitos), de duas micas, predominante mente biotíticos, e de grão médio, o designado Granito de São Lourenço (Pereira, 1992).

A área de implantação deste monumento encontra-se urbanizada mas se nos abstrairmos desse facto usufruíra-se do local domínio visual sobre o meio circundante, nomeadamente para o oceano atlântico a noroeste, oeste e sudoeste. Para nascente, avistar-se-iam as vertentes íngremes do Monte de Sanfins; para norte, parte da plataforma litoral e o Monte do Castelo, já na margem oposta do Neiva, e para sul, a restante plataforma litoral.

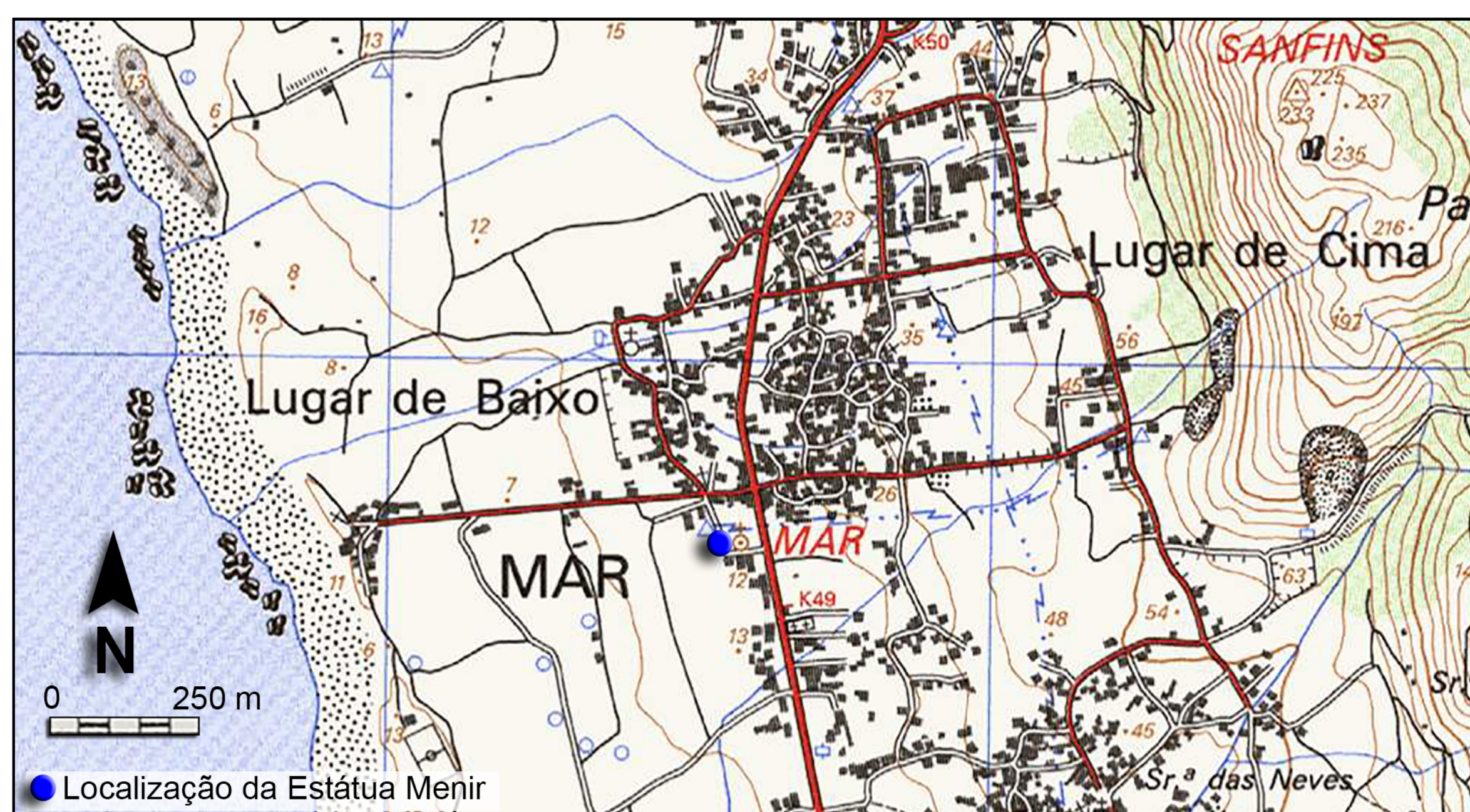


Figura 1. Localização da estátua-menir em extrato da Carta Militar de Portugal, na escala 1:25000.

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Para um estudo correto deste monumento foi necessário proceder-se quer à sua limpeza quer a sondagens arqueológicas na sua envolvente.

4.1. Limpeza e estudo da estátua-menir

Foi efetuada com escovas, de diversos graus de dureza, espátulas estreitas de madeira e água corrente. Esta possibilitou a pesquisada de novas grafias. Para tal, foi efetuada observação com luz diurna e artificial e realizado o seu levantamento fotogramétrico, posteriormente trabalhado no computador através dos programas Agisoft e Meshland.

4.2. Sondagem arqueológica

A área escavada foi de cerca de 16 m², a única possível, dado o revolvimento do terreno resultante de trabalhos anteriores. Não foram encontrados níveis pré-históricos *in situ* (Fig. 2).

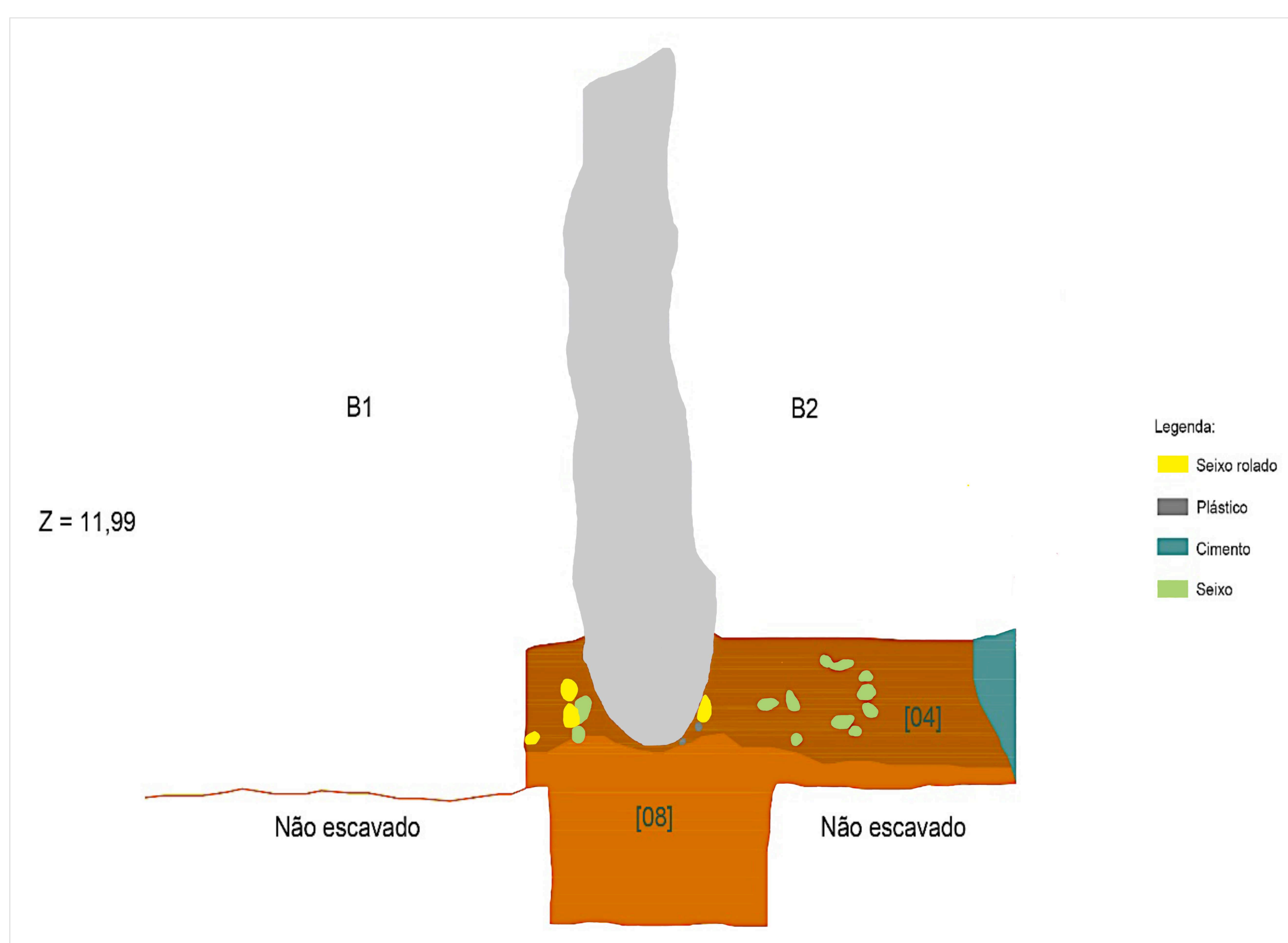


Figura 2. Perfis dos quadrados B1 e B2 onde se pode observar a base da estátua-menir afeiçoada e o facto de estar implantado no solo agrícola atual.

5. DESCRIÇÃO DA ESTÁTUA-MENIR

5.1. Descrição morfológica e grafias

O monumento da Agra do Pedrão corresponde a uma estátua-menir (e não a um menir como é usualmente designada) dado o seu carácter tridimensional e aproximadamente antropomorfo. Caracteriza-se por uma figuração muito abstracta do corpo humano, potenciada por dois estrangulamentos intencionais realizados na metade superior da face sul, que esboçam os ombros e a cabeça, cuja extremidade foi partida. A sua fratura é evidente pela existência de entalhes de cunhas.

Tem quatro faces, atualmente orientadas para sul, norte, noroeste e nordeste (Fig. 3). A face virada para sul foi aplanada intencionalmente, apesar de conter uma saliência natural, um nódulo de biotites, na parte superior, e pequenas reentrâncias de origem natural. Foi aquela onde foram gravados mais motivos, parecendo ser a superfície para onde a audiência teria preferencialmente de olhar. Aí foram gravadas oito covinhas bem pronunciadas (quatro de cada lado) em posição central, na parte média do corpo da estátua-menir e dispostas segundo o eixo maior vertical. A sua disposição sugere, se mentalmente unirmos todas as covinhas, uma figura semi-retangular, similar à que ocorre noutras estátuas-menires e a que se dá o nome de estola ou de insígnia (Fig. 3).

Através da observação noturna, com luz artificial, foi ainda encontrado um pequeno sulco que parece emergir a partir dos ombros mas que se perde na parte central da face sul, numa área superior às covinhas, devido ao facto de a superfície do imóvel ter sido alterada ou picada, por objeto metálico, nessa área.

As faces noroeste e nordeste são igualmente aplanadas, sendo a que está virada a norte mais estreita e arredondada. Com exceção desta, todas as restantes foram gravadas.

A face virada a noroeste é regular, mas apresenta uma saliência, disposta na diagonal na parte inferior, formada por uma concentração de biotite. Ostenta quatro covinhas pouco pronunciadas, na parte inferior, que formam um alinhamento ligeiramente curvo, duas covinhas na zona centro, algo distanciadas entre si, e uma na parte superior, na área do “ombro” da peça. A face virada a nordeste apresenta uma superfície algo irregular, com uma saliência disposta na diagonal, na parte inferior e um estreitamento, na parte superior. Evidencia duas covinhas dispostas na diagonal, na zona centro. A face norte, apresenta uma superfície uniforme, mas possui uma concavidade natural na parte média – inferior (Fig. 3).

Durante a escavação verificou-se que a base da estátua-menir era arredondada, tendo sido afeiçoada para o efeito (Fig. 2), pelo que é provável que a cabeça também fosse afeiçoada.

O monólito mede 2,15 m de altura, da base à fratura do topo. É mais espesso na base, onde tem c. 72 cm. Na parte média tem c. 60 cm e na extremidade superior, à altura dos ombros, c. 40 cm.

Em corte tem uma forma trapezoidal com o eixo menor, arredondado, virado a norte. Após a observação noturna foi possível verificar que foi polido em diferentes faces, provavelmente com a ajuda de seixos rolados de quartzito e, posteriormente, gravada por percussão.

Hoje encontra-se parcialmente picado, sobretudo na face virada a sul, o que terá destruído gravuras menos profundas. Durante a escavação foi possível verificar que a estátua foi pintada com óleo queimado.

5.2. Características litológicas

A estátua-menir foi talhada num granito de duas micas (biotite e moscovite), de grão médio a grosseiro com presença de turmalina (Granito de São Lourenço). Este tem uma coloração que varia entre tons de cinza e amarelados, apresentando junto da base de uma das faces, uma zona com coloração avermelhada. As cores amareladas e avermelhadas são devidas à alteração do granito (oxidação da biotite) e estão associadas ao feldspato.

5.3. Lendas atribuídas ao local

Segundo depoimentos orais os relatos em torno da estátua-menir sintetizam-se em três ideias base: i) quando tirarem a pedra o mar avança; ii) a pedra, quando tirada, voltava sempre a aparecer no mesmo lugar; iii) no dia de São Simão chegou o mar ao pedrão.



Figura 3. Diferentes faces da estátua-menir.

DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES

Os trabalhos arqueológicos em redor do menir, os testemunhos orais e os dados fotográficos permitiram perceber que não se encontrava *in situ*, tendo sido deslocado no séc. XX por afetar trabalhos relacionados com extração de água de um poço. O seu local de implantação teria sido mais para nascente, pelo que não estará muito longe da sua posição original. Na memória popular sempre esteve na propriedade da Agra do Pedrão que era mais vasta. Trata-se de um monumento de peso considerável, pelo que a sua deslocação, por muitos metros, no âmbito da mesma propriedade, não faria grande sentido.

É significativa a expressão “pelo S. Simão vinha o Mar ao Pedrão”, existente, pelo menos, desde os anos 40 do século XX. Tal poderá estar relacionado com os efeitos do tsunami resultante do sismo de 1755, que ocorreu no dia 1 de novembro (Amaré Tafalla *et al.*, 2005), ou seja, pelo S. Simão, que se festeja entre os dias 28 de outubro e 2 de novembro, consoante as regiões. Assim sendo a estátua-menir estaria na plataforma litoral, desde, pelo menos, os finais do séc. XVIII.

Em termos técnicos este monumento foi elaborada a partir de um bloco de granito de duas micas de grão médio (granito de São Lourenço), com predomínio da biotite, aflorante a cerca de 0,5 km para leste e a c. de 1 km para norte. Este facto pode, também constituir-se como mais um factor de que teria sido erguida nesta área genérica.

Atendendo a que não foi possível obter dados diretos para a sua datação, esta foi estabelecida com base em paralelos para o motivo sugerido pelas oito covinhas da face sul. Trata-se de uma iconografia comum nas estátuas-menires do Centro-Norte de Portugal e sul da Galiza que têm sido datadas da Idade do Bronze, pelo que se crê poder inserir este monumento nesta cronologia genérica.

Apesar de deslocada esta estátua-menir teria sido erguida na plataforma litoral que é, genericamente, um lugar de fácil circulação, perto de enseadas marítimas passíveis de atracagem e das fozes dos rios Neiva e Cávado, ambas navegáveis.

Tendo em conta a morfologia do monumento, com mais de 2 metros de altura este seria facilmente visível de longe, sendo, certamente, um marco espacial importante, um local de paragem, um *locus* aglutinador ou um local geoestratégico de encontro quer entre gente que viveria no território, quer entre estes e populações alógenas, conhecedoras da simbologia destes monumentos e das suas grafias, mesmo que só esboçadas (Fig. 4).

De destacar que a estátua-menir fica em frente do Monte de Sanfins, de grande impacto visual e verdadeiro marco para a circulação terrestre e para a navegação por cabotagem. Trata-se de uma das orografias mais salientes da plataforma costeira, avistável de muito longe e, provavelmente, de grande valor simbólico para as populações que, pelo menos durante o Bronze Inicial e Médio aí evocaram ou celebraram as suas propriedades através de deposições de artefactos metálicos, como um machado plano, um machado de tipo Bujões/Barcelos e uma espada curta (Junghans *et al.* 1968; Comendador Rey, 1998; Bettencourt e Sampaio, 2017).

Deste modo a estátua-menir do Pedrão, poderia ter funcionado como um símbolo identitário do poder local face a outras que aqui passassem ou aportassem, quicá representando uma divindade, um antepassado comum, um herói mítico ou um personagem real. Localizada num lugar liminar entre a terra e o mar e em rede com outros lugares vivenciados, sinalizaria um epicentro de múltiplas funções: religiosas, sociais e de intercâmbio (sal, estanho, ideias), numa sociedade onde estas divisões não teriam o sentido que hoje se lhe conferem. Seria, talvez, um lugar em que se repunha a ordem do mundo [uma heterotopia no sentido em que Foucault (1984) descreve este conceito]. Um lugar fora de todos os lugares, perfeito, metucioso, ordenado face aos restantes, desordenados e improvisados. Um lugar onde se justapõe, num só lugar, vários espaços incompatíveis, simultaneamente fechado e aberto a diferentes comunidades.

A importância deste monumento perdurou, de forma reinventada, na memória popular, através das “estórias” que sobre ele se contam e que subentendem que teria propriedades benéficas e protetoras (pois se sair dali, o mar entra) e que está encantado (pois foi levada mas volta sempre ao seu lugar).

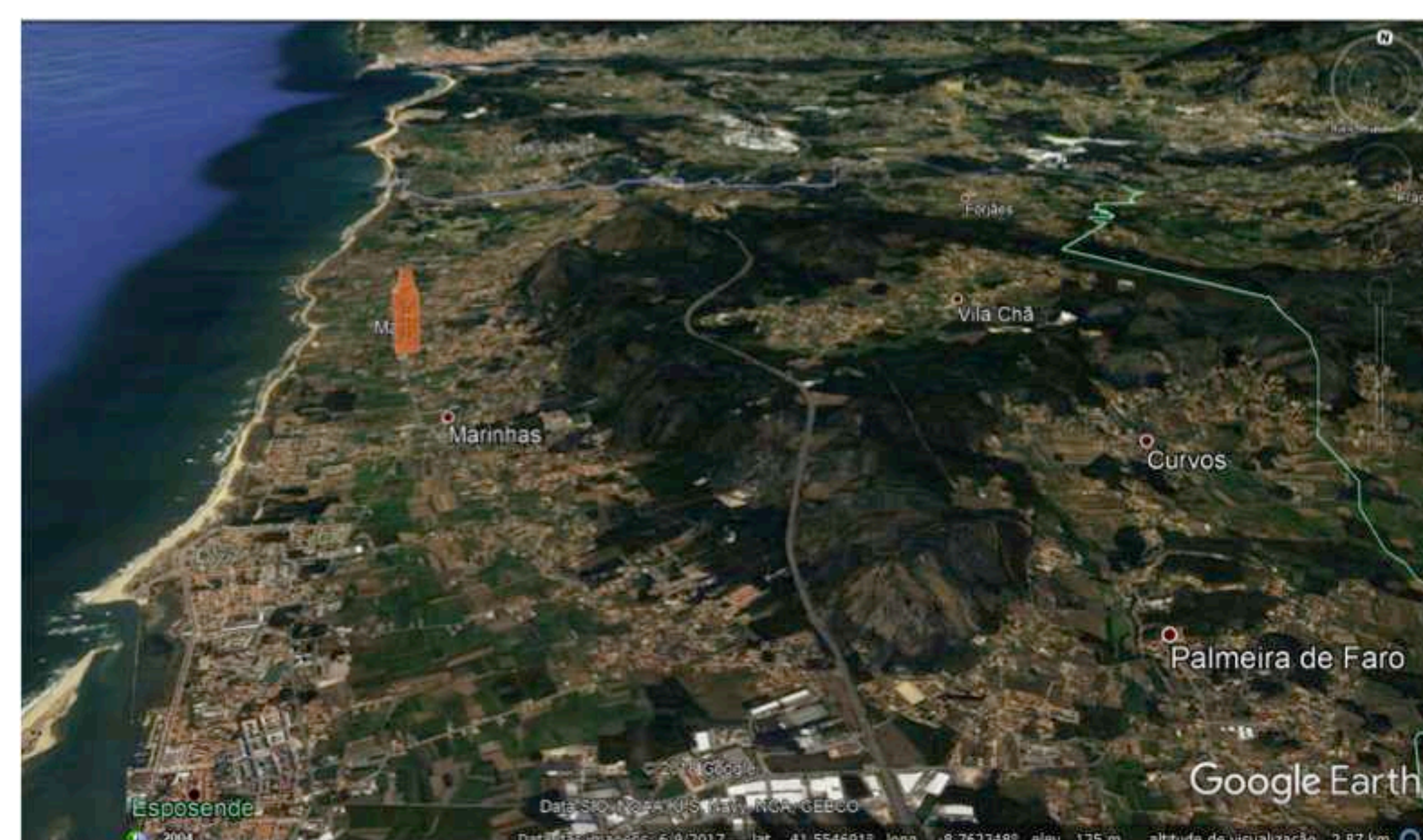


Figura 4. Localização genérica da estátua-menir face ao meio físico.